

## **O IMPACTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ATITUDE LINGUÍSTICA DAS CRIANÇAS DE BDÉBURÉ**

**SOUZA**, Lorena Isabella Pereira

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Nível: Mestrado

Universidade Federal de Goiás – Goiânia

lorenna\_isabella@hotmail.com

**Palavras-Chave:** Linguística, Línguas Indígenas, Atitude Linguística, Karajá

### **Introdução**

Este estudo busca verificar como e em quais maneiras o ambiente monolíngue em língua portuguesa em que uma criança de etnia indígena Karajá, especificamente da aldeia Bdeburè, está inserida pode influenciar ou impactar sua atitude linguística como falante de primeira língua em Inyrybè (Karajá). As famílias que formam esse território indígena migraram, por diversos motivos, da Ilha do Bananal para as proximidades da cidade de Aruanã (GO) e são, em sua maioria, monolíngues na língua Karajá. Apenas uma pequena parcela dessa comunidade tem domínio da língua portuguesa e geralmente são homens adultos, que tem maior contato com os não indígenas para resolver questões sociais e políticas da própria comunidade. O desejo da comunidade é que a língua karajá continue sendo usada como primeira língua e não seja enfraquecida pela necessidade do uso da língua portuguesa que uma comunidade indígena que vive próxima da cidade demanda.

Esta pesquisa objetiva, por fim, descrever a realidade sociolinguística de uma comunidade indígena formada recentemente e preocupada com a colonização e enfraquecimento da língua Karajá que pode se dar através do impacto que a língua portuguesa majoritária pode exercer nas crianças dessa comunidade. Um estudo que também contribuirá para os estudos de mudança linguística por influência de uma língua majoritária, bilinguismo, e ambiente escolar regular frente ao desafio de receber alunos indígenas, sejam eles bilíngues ou monolíngues na língua materna.

### **Problemática**

A falta de informação e, principalmente, de uma educação adequada para um país multilíngue são as principais geradoras do equivocado conceito que o Brasil é um país monolíngue, ignorando as línguas minoritárias existentes no país. Neste contexto estão

inseridas as crianças da aldeia de Bdeburè, um povo Karajá, falante de língua Inyrybé (Karajá). As crianças indígenas estudam nas escolas não indígenas da cidade de Aruanã, já que a aldeia é próxima da cidade e não possui, até a presente data, escola indígena em seu território. Há uma escola indígena na aldeia de Buridina, na mesma cidade, entretanto, ela fica distante de Bdeburè, além de divergências entre as lideranças das aldeias e grande temor em relação à aquisição definitiva do português pelas crianças, já que, na aldeia de Buridina, grande parte dos indígenas tem o português como primeira língua, o que não acontece com Bdeburè, que, até o momento, são monolíngues em Karajá.

Os Karajá, também conhecidos como povo das águas, por causa do mito que relata sua origem como o povo que habitava as águas, se encontra, atualmente, nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, em um número de aproximadamente quinze aldeias, situadas às margens do rio Araguaia, em um número aproximado de 3000 indígenas e em intenso e permanente contato com a sociedade não indígena, o que contribui diretamente para um processo de perda da língua Karajá (PIMENTEL DA SILVA, 2009). No estado de Goiás, há, hoje, duas aldeias: Buridina e Bdeburè. Sendo a aldeia de Bdeburé muito jovem, formada ainda em 2002 por algumas famílias vindas da ilha do Bananal e outras famílias que migraram da aldeia de Buridina,

A atitude linguística, nestas línguas minoritárias, é muito importante, uma vez que ela reflete, nas crianças, a atitude dos pais. Se os pais tem uma atitude negativa quanto à língua materna, minoritária no país, provavelmente, o interesse em repassá-la às crianças será baixo ou inexistente. Essa situação provém de preconceitos etnolinguísticos, sofrido pelos pais, que querem evitar que os filhos passem pela mesma situação. É importante lembrar que quando uma língua minoritária coexiste em um mesmo espaço com a majoritária, a língua minoritária será sempre atacada por suas características e sempre rebaixada quando comparada à majoritária (GROSJEAN, 1987). Isso resulta em baixo uso da língua minoritária em público e grande pressão social para que os falantes adquiram a língua majoritária e se adequem aos padrões e costumes desta sociedade.

Sendo assim, esperamos que nosso estudo contribua tanto à ciência – Sociolinguística – quanto aos indígenas da aldeia de Bdeburé, repensando, principalmente, a atitude linguística das crianças e adultos, e o impacto que o ambiente colonial monolíngue pode causar nestas e, por consequência, na língua desta comunidade.

## **Objetivos**

Este estudo procurará verificar, a partir de um estudo sociolinguístico, como a língua portuguesa pode impactar a atitude linguística das crianças da aldeia de Bdéburé. Para alcançar tal objetivo, realizaremos um estudo sociolinguístico da comunidade, analisando o grau de bilinguismo e monolinguismo e os contextos sociais nos quais estão envolvidos. Outro fator importante é verificar a atitude linguística da comunidade e como eles se sentem em relação à sua língua e ao contato com a língua portuguesa, constatando se existem políticas linguísticas internas da comunidade para que o uso da língua karajá não se perca.

## **Metodologia**

Esta pesquisa, aqui apresentada, será um estudo de caso de cunho etnográfico. Trabalharemos com os indígenas da aldeia de Bdeburè, com foco nas crianças. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que investiga a unidade, visando a alcançar o caráter do todo. Esta pesquisa é também tomada como de cunho etnográfico, uma vez que, será de total interesse para o pesquisador descrever e considerar a cultura e a perspectiva do pesquisado, e somente assim, inserido neste ambiente, entenderá os fenômenos os quais está pesquisando, já que estes são diretamente influenciados pelo contexto. Esta modalidade de pesquisa também pressupõe uma coleta de dados farta. Tendo em vista que nossa pesquisa será um estudo de caso de cunho etnográfico, é cabível que usemos métodos próprios de ambas as modalidades de pesquisa. Sendo assim, selecionamos como principais métodos de coleta de dados: a observação direta; a entrevista; o diário de campo; a análise de documentos e a entrevista semiestruturada, ou seja, aquela que geralmente parte de um protocolo, mas a qual não limita as repostas dos entrevistados.

Depois de levantados os primeiros dados, iniciaremos a fase de observação não estruturada e participante, onde, inseridos no contexto cultural, testemunharemos o comportamento linguístico e social real desta comunidade linguística.

## **Conclusões**

Depois dos dados coletados, descritos e analisados qualitativamente, é de nosso principal objetivo apontar resultados coerentes, obviamente empregando-se sempre a lógica do empirismo científico, porém interpretando os fenômenos sociolinguísticos de forma interativa com nosso objeto de estudo. Acrescenta-se a isso, o desejo que esta pesquisa

beneficie a comunidade indígena de Bdéburé. Procuraremos relatar, no final desta pesquisa, um estudo sociolinguístico da comunidade de Bdeburè, com foco na atitude linguística da comunidade. Fatores como a intensa situação de contato e o fato de as crianças estudarem na escola municipal não indígena podem influenciar a atitude linguística das crianças. Todas essas constatações nos mostrarão como o ambiente monolíngue em língua portuguesa pode impactar a língua minoritária, falada por esta comunidade indígena.

### Referências Bibliográficas:

BORGES, M. V. *As falas feminina e masculina no Karajá*. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1968.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

HARKLAU, Linda. Representational Practices and Multi-modal Communication in US High Schools: Implications for Adolescent Immigrants. In: BAYLEY, Robert; Schecter; Sandra. (Orgs.) *Language Socialization in Bilingual and Multilingual Societies*. Michigan: Multilingual Matters LTD, 2003. pp. 83 - 96.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O Falar Bilíngue*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PIMENTEL DA SILVA, M.S. *Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Editora UFG, 2009.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*. Ciência e Cultura, abril/junho, 2005, vol. 57, n. 2, p. 35-38. ISSN 0009-6725.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 21.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.